

A história da pílula contraceptiva

É para mim um enorme prazer recordar a história desta *pílula*, tanto mais que em 1958 trabalhei nos EUA, na *Worcester Foundation for Experimental Biology*, uma instituição científica que estava ligada não só à *pílula*, como à fecundação *in vitro*, à *pílula* do dia seguinte e a muitas outras descobertas no domínio da endocrinologia da reprodução. E faço-o com muito prazer porque trabalhei sob a orientação do Prof. Gregory Pincus, o pai da “pílula”, e assisti ao desenvolvimento desse novo método com a colaboração dos Profs. M.C. Chang (que também foi o outro pai da pílula), John Rock e Celso Ramón-Garcia, que tive o privilégio de conhecer e de beneficiar da sua amizade que perdurou até aos seus últimos dias.

Fui o primeiro médico a utilizar a *pílula* em Portugal com as amostras de *Enovid* que tinha trazido comigo quando regresssei dos EUA em 1960.

No dia 23 de Junho de 1960, o *Enovid* era aprovado nos EUA pela *Food and Drug Administration*, há 50 anos.

O conceito de uma contracepção através da inibição da ovulação já tinha sido proposto há muitos anos, mas não teve seguimento porque não havia ainda hormonas suficientemente potentes para serem administradas por via oral. Em 1931 o austríaco Huberland já falava de uma esterilização hormonal, com base nos seus estudos e de outros mais antigos (1920) que demonstraram ser possível inibir a fertilidade em animais com a administração de extractos de ovários. O mesmo também tinha sido verificado por Pincus.

Portanto o problema residia na falta de hormonas que ainda não tinham sido isoladas. Foi Russell Marker quem desbravou o caminho. Conseguiu a partir dos ovários de 2500 porcas extrair 1 mg (!) de progesterona, que era então um esteroide natural caríssimo (\$ 160.000!). Em 1939 conseguiu, a partir de uma sapogenina existente num cacto (*Discorea mexicana*, conhecida como cabeça de negro), sintetizar vários quilos de progesterona! No entanto, a progesterona era um fraco inibidor da ovulação. Foi então que os químicos introduziram modificações nessa molécula para a tornarem mais potente. Deve-se ao búlgaro Carl Djerassi, nascido em Viena, a descoberta de que a remoção de um carbono, na posição 19, aumentava imenso a sua potência (era o noretinodrel). Essa abordagem seria também seguida na Schering de Berlim em 1938 e em 1941 introduziu no mercado a noretisterona.

Entretanto M.C. Chang verifica, em 25 de Abril de 1951, a inibição da ovulação de coelhas tratadas com estes novos esteroides sintéticos, o que foi relatado em 1953 no primeiro artigo sobre esta descoberta por Pincus e Chang.

A ideia de se desenvolver um método contraceptivo simples, seguro e barato deveu-se à activista enfermeira Margaret Sanger, de Nova Iorque, que estimulou Pincus para essa tarefa. O tempo que se seguiu não teria sido possível sem o generoso e permanente auxílio da milionária Katharine McCormick, que subsidiou todos os estudos básicos e clínicos.

Gregory Pincus (Goody como lhe chamavam os amigos) não era médico. Era um biólogo cheio de energia, talento e determinação, o que foi indispensável para o sucesso deste plano. Para os estudos clínicos recorreu a um famoso ginecologista da Universidade de Harvard, John Rock,

católico irlandês que já há anos havia criado no Free Hospital for Women, em Boston, uma consulta de planejamento familiar onde ensinava a prática da continência periódica.

Entretanto, Celso Ramón-Garcia, assistente de John Rock, entra no grupo e assim se fazem os primeiros ensaios clínicos em Porto Rico, que se prologaram por vários anos. A *pílula* utilizada era uma mistura de 10 mg de noretinodrel com mestranol, que mais tarde viria a dar origem ao *Enovid* (9.85 mg de noretinodrel + 0,150 mg de mestranol). Posteriormente os estudos continuaram no México, na Associação Pro-Saude Maternal, sob a orientação de Edris Rice-Ray, que tinha sido demitida dos seus cargos em Porto Rico por estar a utilizar a *pílula*!...

Os primeiros resultados clínicos foram apresentados em 1955, em Tóquio, durante a Conferência da *International Planned Parenthood Federation*. Eficácia 100%, mas com cerca de 10% de efeitos secundários. Só décadas mais tarde esses efeitos seriam reduzidos drasticamente com a redução das doses dos dois esteroides da *pílula*.

Aqui está, em resumo, como surgiu a *pílula*. É uma história típica de várias descobertas que resultam de muitas observações dispersas e que acabam por se reunir um dia. As antigas e novas observações de biólogos, o trabalho dos químicos e bioquímicos, a força das ideias inovadoras, o talento político, os generosos mecenas, em coordenação, são uma poderosa força de trabalho. Só raramente se descobrem por acaso novas coisas, como foi o caso da penicilina. Se Flemming tivesse desprezado aquelas placas de Petri, onde um fungo se desenvolvia e matava as bactérias de uma cultura, não teríamos a penicilina.

Mas a história da *pílula* não fica por aqui.

John Rock sofreu ataques dos católicos da sua diocese e era mal visto por utilizar a *pílula*.

As reacções mundiais não se fizeram esperar.

O Papa João XXIII nomeou uma comissão especial para o estudo da população, da família e do nascimento, que pouco fez. O Papa Paulo VI, em 1963, expande a comissão, que incluía vários médicos, excluindo John Rock... Em 1965 a comissão inclina-se para uma mudança da atitude da Igreja sobre a contracepção. Em 1966 Paulo VI remodela a comissão e inclui vários cardeais e bispos. Em 1967 consta que a nova comissão é de novo favorável à mudança que todos desejavam, mas Paulo VI não fez caso e publica a célebre encíclica *Humanae Vitae* que proíbe o uso da *pílula* como método.

Mais tarde encontrei-me no Vaticano com um monsenhor português que me contou várias histórias do que se passou entre muros do Vaticano. Segundo parece Paulo VI decidiu que aprovar a *pílula* seria uma falta de caridade para muitos casais que sofreram as consequências da falta de eficácia da continência periódica...

Como médico e cristão sempre combati a encíclica proibitiva, o que me trouxe então muitas lutas na imprensa diária do nosso país. Sempre lamentei a ignorância dos católicos que não sabem que uma encíclica não é um dogma, mas simplesmente um documento pedagógico.

Aliás, quanto a mim, não há qualquer diferença ética essencial entre evitar que os gâmetas se encontrem, seja por intencionalmente se procurar um período infértil seja

por se impedir que um óvulo seja libertado pelo ovário. O Padre António Vieira já dizia que a intenção é a madrinha dos actos. Nem mais!

Novas lutas estavam para vir quando fundei, há mais de 40 anos, a *Associação para o Planeamento da Família*, com o objectivo de evitar gravidezes indesejadas e o aborto clandestino, causas de tantos sofrimentos evitáveis. Foi o então Primeiro-Ministro, Prof. Marcelo Caetano, quem através da então Secretária da Saúde, Dra. Tereza Lobo, aprovou a nova Associação, não sem antes se certificar de que o Cardeal Cerejeira dava luz verde..., o que aconteceu porque eu lhe garanti que só íamos distribuir a pílula.

Estas são algumas histórias da famosa *pílula*. Outras há também, como as das mulheres que davam a *pílula* aos maridos ou que só a tomavam no dia em que eles regressavam de viagem...

Sob o ponto de vista médico, a pílula começou por ser apresentada como óptima para tudo. Depois, quando surgiram efeitos secundários, foi considerada muito perigosa. E agora, quando este movimento vibratório se estabiliza, a pílula é um método seguro e fácil que, se não houver contra-indicações, se pode usar com segurança com as novas baixas doses.

Foi um grande progresso, sem dúvida, que deveria ter acabado com as gravidezes indesejadas e as interrupções voluntárias da gravidez, mas infelizmente isso ainda não sucedeu mesmo com a distribuição gratuita das *pílulas*.

Aqui fica um alerta para o Ministério da Saúde e para a Associação para o Planeamento da Família, que têm importantes tarefas a cumprir.